

Jornalismo de engajamento e a guerra das mudanças climáticas¹

Mariana Alves Campos²

Resumo: Ao noticiar sobre as mudanças climáticas, as redações geralmente enfrentam uma série de desafios relacionados às normas jornalísticas ocidentais tradicionais, tais como equilíbrio e neutralidade. Este artigo pretende investigar se as narrativas jornalísticas para as mudanças climáticas deveriam seguir a prática do “Jornalismo de engajamento” cunhado pelo ex-correspondente de guerra Martin Bell. Para apoiar essa discussão, analisa-se o conceito de “guerra dos mundos”, proposto pelo filósofo Bruno Latour, à luz da crise ecológica.

Palavras-Chave: Jornalismo de engajamento. Mudanças climáticas. Martin Bell. Bruno Latour. Falso equilíbrio.

1. Introdução

Nas últimas décadas, as notícias sobre mudanças climáticas ganharam destaque em todo o mundo. Eventos catastróficos como o furacão Katrina, publicações de relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) e alertas de políticos como o ex-vice-presidente dos Estados Unidos Al Gore contribuíram para a popularização do assunto. Mais recentemente, o Acordo de Paris de 2015 reconheceu a importância da mitigação das mudanças climáticas em todo o planeta. Entretanto, ao noticiarem sobre mudanças climáticas, frequentemente jornalistas enfrentam uma série de desafios relacionados às normas jornalísticas ocidentais tradicionais, como equilíbrio e neutralidade. Além disso, incertezas atribuídas à pesquisa científica também são vistas como problemáticas para os veículos de imprensa.

Há muitos estudos investigando o modo como a mídia cobre as mudanças climáticas (ANTILLA, 2010; BOYKOFF, 2011; BOYCE; LEWIS, 2009; DOYLE, 2011). De acordo com mais de 800 cientistas que contribuíram para os relatórios do IPCC, o aquecimento

¹ Este artigo foi originalmente escrito em maio de 2015 como parte da minha tese de mestrado. Fiz algumas pequenas alterações no texto para o ENPJA 2018.

² Mestre em Jornalismo, Mídia e Globalização pelas seguintes: Universidades Aarhus University (Dinamarca) e City University London (Reino Unido), através do programa europeu Erasmus Mundus. E-mail: macjournal@gmail.com

global é um fenômeno antropogênico (IPCC 2007; 2014). No entanto, várias dessas pesquisas mostram que a mídia subestima o consenso da Ciência sobre o clima. As redações normalmente fazem isso dando o mesmo peso a opiniões de céticos do clima e fatos científicos. Como resultado, tem-se uma ampla gama de vozes dissonantes formando uma narrativa complexa e dividida. Alguns acadêmicos e cientistas chamam isso de “falso equilíbrio”. (ROBIN, 2014; VIDAL, 2014).

Neste artigo, investigarei se as narrativas jornalísticas para as mudanças climáticas devem usar o fenômeno do “Jornalismo de engajamento”, cunhado pelo ex-correspondente de guerra Martin Bell. Essa forma de Jornalismo permite que seus profissionais participem dos conflitos que relatam, em vez de atuarem como observadores neutros. Como ponto de partida, explorarei as definições e usos desse tipo de prática. A seguir, analisarei o conceito de “guerra dos mundos” do filósofo francês Bruno Latour, que sugere que dois grupos diferentes no mundo estão em uma disputa que deve ser oficialmente declarada para que possamos lidar melhor com a crise ecológica atual. Promoverei então uma discussão a partir das sugestões de Bell e Latour. Embora eu esteja ciente da complexidade e da existência de muitos outros aspectos que envolvem os pontos de vista de Bell e Latour, eles estão além do escopo desta análise.

2. Jornalismo de engajamento

2.1 O conceito de objetividade

Desde o século XIX, a interpretação tradicional do Jornalismo tem colocado como norma de objetividade que jornalistas devem ser intermediários neutros entre os eventos que relatam e seu público (DAHLGREEN, 1992; SCHUDSON, 1978). Mais recentemente, estudiosos conceituaram a produção de notícias como parte de uma construção social, argumentando que as notícias não podem representar uma única realidade. Outros aspectos relacionados ao Jornalismo, para além do evento em si, contribuem para a decisão sobre o que se torna notícia (RUIGROK, 2008).

Um modelo alternativo de objetividade é o chamado Jornalismo público: “[...] uma teoria e uma prática que reconhecem a importância primordial de melhorar a vida pública.” (ROSEN [1993] apud RUIGROK, 2008, p. 295). Ruigrok cita Rosen para explicar que a noção de objetividade não era mais adequada à reportagem da vida em comunidade e que o papel dos representantes da mídia é promover o debate público sobre os problemas da sociedade.

Entretanto, ainda hoje parte dos profissionais das redações acredita que seu trabalho não é nada mais que um reflexo da realidade. Os executivos da BBC, por exemplo, ainda usam a analogia derivada de Shakespeare para ressaltar que a função da notícia é servir de espelho para os eventos do mundo (BELL, 1998a). As diretrizes editoriais da BBC (BBC, 2015) apresentam uma série de princípios para boas práticas de Jornalismo em suas redações, onde precisão, equidade e imparcialidade são palavras-chave. Estas parecem ser apenas vocábulos alternativos para o antigo princípio da neutralidade.

Na seção dedicada ao princípio da imparcialidade, no entanto, o guia da BBC sugere o termo “imparcialidade esperada”, algo mais complexo do que a simples defesa do equilíbrio entre pontos de vista opostos (BELL, 1998a, Seção 4). De acordo com as instruções, a neutralidade absoluta não é obrigatória em todos os tópicos, mas os jornalistas devem garantir que suas histórias reflitam a existência de uma ampla gama de pontos de vista.

As recomendações da BBC dão alguma atenção a assuntos controversos, que são definidos dependendo de vários fatores, como “o nível de contenção pública e política” e “debate e sensibilidade em termos de crenças e cultura de audiências relevantes” (BELL, 1998a). A diretriz diz que devem ser dados o “peso esperado” e proeminência para as vozes dissonantes e, mais importante, as opiniões e os fatos devem ser claramente discriminados (essa regra em particular será discutida mais adiante).

2.2 O Jornalismo de engajamento de Martin Bell

Jornalismo de engajamento³ é um termo cunhado pelo ex-correspondente da BBC Martin Bell e que ganhou destaque durante a Guerra da Bósnia nos anos 1990. Depois de três décadas cobrindo zonas de conflito, ele questionou a longa tradição de “distância e neutralidade” da BBC (BELL, 1998a; 1998b) e sugeriu o Jornalismo de engajamento como um substituto para a forma convencional de reportagem. Bell disse que não inventou uma doutrina quando argumentou em favor de tal prática, uma vez que outros profissionais da mídia já a estavam usando (BELL, 1998a, p. 18; 2003, p. 163). No entanto, até onde se sabe, ele foi o jornalista que, além de rotulá-lo, mais fortemente defendeu o método.

Refutando a suposição de que o papel das notícias é servir como um espelho dos acontecimentos no mundo, BELL (1998a, p. 18) afirma que “o espelho não afeta o que reflete, a imagem da televisão sim”. Portanto, os jornalistas devem tomar partido. Eles não serão mais

³ No original em inglês, Martin Bell usa o termo “*journalism of attachment*”. O termo “Jornalismo de engajamento” foi interpretado por mim como sua melhor tradução.

“jornalistas espectadores” seguindo cegamente o princípio da objetividade ao cobrir guerras (BELL, 1998a, p. 15; 1998b, p. 102). Bell desafia a existência da objetividade e pergunta: “A objetividade é desejável, ou mesmo possível? Deveria ser imperativo, em um mundo perigoso e turbulento, simplesmente não incomodar as pessoas?” (BELL, 1998b, p. 103). Por existir uma relação humana e dinâmica entre os jornalistas e os eventos que eles cobrem, sua mediação só pode ser subjetiva.

Complementarmente, BELL (1998a) argumenta que, em uma situação de guerra, a mídia deveria estar disposta a chocar e perturbar. Portanto, essa subjetividade poderia ser transferida para o público, que poderia se envolver de uma maneira alternativa – nas palavras de BELL (1998a; 1998b), de uma forma apaixonada. O Jornalismo de engajamento poderia ser visto então como uma hipérbole do Jornalismo público, pois os conflitos em um território de guerra são muito maiores do que as lutas da vida cotidiana (RUIGROK, 2008).

Bell encoraja os jornalistas a fazer uma distinção entre o certo e o errado. Jornalistas engajados participam ativamente do debate público, alinhando-se com os “bons”, e convidam sua audiência a fazer o mesmo. Fundamentos morais desempenham um grande papel nesse método, definido por Bell (1998a, p. 16) como um “Jornalismo que se importa tanto quanto sabe; que está ciente de suas responsabilidades; que não permanecerá neutro entre o bem e o mal, o certo e o errado, a vítima e o opressor.”.

O Jornalismo responsável não é algo a que os jornalistas engajados se oponham (SJØVAAG, 2005). De fato, BELL (1998b, p. 103) argumenta em favor de princípios como imparcialidade e equidade – embora se possa interpretar “tomar partido” e “ser imparcial” como uma contradição em termos. O que parece ser o cerne de sua discussão é a noção de neutralidade. De acordo com BELL (1998b) esse Jornalismo alternativo é equilibrado e baseado em princípios: vai além da apresentação equilibrada de diferentes lados e explicita quem são as vítimas da história.

Jornalistas engajados têm um objetivo claro em mente ao cobrir guerras, que geralmente é pressionar alguém a fazer algo para acabar com o conflito (RUIGROK, 2008). O próprio Bell e muitos de seus colegas, ao cobrir a batalha de Sarajevo na década de 1990, abandonaram a objetividade para defender o fim do derramamento de sangue. RUIGROK (2008, p. 295) chama essa atitude de um “modelo funcional” da prática jornalística.

Na realidade, Bell afirma que o efeito da televisão nas zonas de guerra “[...] tem sido tornar as coisas um pouco *menos piores* do que seriam sem ela.” (BELL, 1998a, p. 19).

Segundo ele, os jornalistas devem estar cientes de que podem fazer a diferença. Em concordância com Bell, Paul Kingsnorth (1999) afirma que:

Não adianta fingir que as vítimas de um massacre e seus perpetradores têm o mesmo direito de serem ouvidos. É moralmente errado argumentar que o opressor e o oprimido, o poderoso e o impotente, o rico e o pobre são iguais e igualmente merecedores de atenção. [...]. Cabe a nós decidir quem é ouvido.

2.3 Limitações do Jornalismo de engajamento

Em seu estudo sobre a mídia holandesa e a cobertura da guerra civil na Bósnia, RUIGROK (2008) argumenta que jornalistas engajados, como já possuem uma forma de pensar ao produzirem suas histórias, geralmente aumentam ou minimizam informações, como declarações e ocorrências, a fim de fazerem prevalecer seus próprios pontos de vista. Outro aspecto é que jornalistas engajados usam “testemunhas oportunas”. Fontes que apoiam as opiniões desses jornalistas são preferidas e, como consequência, fatores do mundo real são deixados de lado na produção das histórias (HAGEN [1993] apud RUIGROK 2008, p. 296). Um último aspecto apontado por RUIGROK (2008) é que esses jornalistas tendem a escrever sobre as mesmas histórias, da mesma maneira. Esse fenômeno, cunhado por CROUSE (1974) como “Jornalismo de matilha” é comum em situações de conflito, uma vez que os profissionais de mídia têm fontes limitadas e passam grande parte do tempo juntos.

WARD (1998) argumenta que Bell ignora as limitações do engajamento e não admite os aspectos positivos da objetividade do Jornalismo, que incluem o relato neutro que ele combate. Segundo Ward, o engajamento pode ser aceitável em casos como genocídio e massacre. Em muitas outras situações, no entanto, é difícil definir a *verdade* e, se o jornalista errar, isso pode levar a consequências negativas.

Brendan O'Neill apoia este argumento. Em um artigo de opinião publicado pela emissora pública ABC, da Austrália, o jornalista afirma que decidir quem está certo e errado é arriscado demais. Ele pergunta: “Se os jornalistas se permitem tornar-se combatentes morais, ativistas contra o 'mal', em vez de meros repórteres de fatos, não há perigo de que sejam tratados como combatentes?” (O'NEILL, 2012). O'Neill acrescenta que o Jornalismo de engajamento representou um ponto de virada controverso para a história de reportagens de guerra e critica a ideia de jornalistas se tornarem jogadores morais em vez de simples observadores em um conflito.

O'Neill enxerga a nova geração de praticantes do Jornalismo de engajamento como ativistas e defensores internacionais. Ele cita a repórter americana Marie Colvin, que morreu enquanto cobria a guerra civil na Síria em 2012, como um exemplo para questionar por que jornalistas ocidentais se tornaram alvos de forças de conflito. Para ele, uma das razões é o fato

de que eles são “mais do que jornalistas” e muitas vezes defendem a intervenção de órgãos ocidentais como a Organização das Nações Unidas (O'NEILL, 2012).

Mike Hume (1997) oferece uma abordagem mais crítica. Ele acusa o Jornalismo de engajamento de ser "reportagem ativista" e argumenta que essa prática ignora todo o contexto do conflito, simplificando-o na divisão entre "bom" e "diabo". Hume afirma que o Jornalismo comprometido é aceitável, desde que o relato não seja transformado em um testemunho emocional. McLAUGHLIN (2002) também desafia a eficácia do Jornalismo de engajamento, apontando a possibilidade de “bandidos” dizerem a verdade e “mocinhos” mentirem.

3. A guerra dos mundos de Bruno Latour

3.1 Estado de guerra

"Estado de guerra: uma condição ou período de conflito armado entre estados, com ou sem uma declaração formal de guerra." (Dicionário Random House Kernerman Webster's College, 2015).

Em seu livro “War of the Worlds: What about Peace?”, o filósofo e antropólogo francês Bruno Latour (2002) afirma que a sociedade ocidental vive em um falso estado de paz. Ele sugere que o mundo só será capaz de alcançar a paz ao rejeitar a ideia de natureza universal, ou seja, que todos os seres humanos são iguais. Portanto, devemos aceitar que estamos em estado de guerra.

Mais recentemente, LATOUR (2011; 2013a; 2013b; 2013c; 2014) expandiu esse argumento à luz da crise ecológica⁴. Embora os cientistas do clima tenham chegado a um consenso sobre a contribuição antrópica para as mudanças climáticas (IPCC, 2007; 2014), a transição para um planeta com baixa emissão de carbono ainda é incipiente. Além disso, a ação humana modificou a ecologia e a geologia da Terra de forma tão intensa que um novo período na história do planeta está em debate. Geólogos e filósofos chamam essa nova era de *Antropoceno*. LATOUR (2013c) argumenta que aceitar a ideia de que estamos vivendo no Antropoceno gera um alerta. Portanto, seu propósito é examinar essa nova estrutura geopolítica.

De acordo com Latour, a suposição de que vivemos em um mundo pacificado está errada. “Não há nada de bom, harmonioso ou relaxante em lidar com questões ecológicas.” (LATOUR, 2013a, p. 100). O primeiro passo, portanto, é reconhecer a divisão da raça

⁴ Neste artigo, abordarei apenas a versão atualizada da *guerra dos mundos* de Latour.

humana em termos de ideologias e interesses, mas também em termos de conflitos internos, o que significa que estamos divididos dentro de nós mesmos (LATOUR, 2013b). A generalização da humanidade como espécie única e coerente não faz sentido no Antropoceno. Haverá várias disputas em todas as lutas relacionadas às questões ecológicas (LATOUR, 2013a). Discussões sobre o controle de emissões de carbono são um exemplo. Como Latour afirma, “[...] se quisermos ter uma ecologia política, primeiro temos que aceitar a divisão de uma raça humana prematuramente unificada em coletivos em conflitos uns com os outros.” (LATOUR, 2013a, p. 116).

Ele afirma que devemos admitir o fracasso da “constituição moderna”, baseada na crença de que todas as pessoas no mundo deveriam, ou querem ter, os mesmos padrões de estilo de vida e consumo (LATOUR, 2013a). A consequência de depender da globalização econômica é que a administração e a governança aparecem como os únicos instrumentos políticos possíveis. No entanto, afirma Latour, eles são incapazes de lidar eficazmente com a catástrofe ecológica. Portanto, se não houver mediadores qualificados para enfrentar a questão, não há ninguém além de nós para resolver o problema.

Inspirando-se no escritor alemão Carl Schmitt, Latour justifica a necessidade de uma declaração de guerra: se não há inimigo, não há estado de guerra. E se não houver estado de guerra, não haverá política para acabar com o conflito (LATOUR, 2013a). A boa notícia é que, agora, há uma chance para que todos escolham seus “alvos de guerra”. Ele encoraja:

[...] diga-nos quem você é, quem são seus amigos e inimigos, e quem mais você quer destruir – e, sim, diga-nos claramente por que divindade você se sente convocado e protegido. Mesmo que esse argumento pareça cruel, não perdemos nada (sim, é claro que perdemos a esperança) por não podermos mais confiar em nenhuma terceira parte desinteressada, pois, para cada uma das questões ecológicas, tal apelo a um árbitro final não fazia diferença de qualquer maneira e não conseguia resolver as disputas. Esse é o estado de exceção. Nós temos que decidir. É por isso que precisamos de política. (LATOUR, 2013a, p. 116).

O mundo dos negacionistas do clima chegou ao fim, diz LATOUR (2013a) – e é por isso que eles estão resistindo. Por outro lado, no entanto, os ecologistas estão deixando de reconhecer o estado de guerra em que estão; portanto, ainda não estão bem equipados para vencer qualquer batalha. Eles subestimam seus inimigos considerando-os pessoas arcaicas e irracionais. A ameaça é algo distante, mesmo para aqueles que defendem a ação. (LATOUR, 2013b; LATOUR, 2013a).

Além disso, Latour diz, seguido por Beck, que as falhas dos ecologistas também residem no fato de que eles sempre contornaram a política. Por causa disso, eles nunca tiveram influência suficiente para consertar as ameaças que expuseram (LATOUR, 2013a;

BECK, 2014). Contribuindo com esse argumento, Beck interpreta o conceito de ambientalismo como, ironicamente, uma armadilha potencial contra os próprios ambientalistas. Quando os ecologistas falam sobre o meio ambiente, separam a política da natureza e de sua destruição. Beck explica que:

Se “o meio ambiente” inclui apenas tudo o que não é humano e social – isto é, apenas “natureza” – então o conceito é sociologicamente e politicamente vazio. Se a categoria de “meio ambiente” inclui ação humana e sociedade, então é cientificamente equivocada e politicamente suicida. (BECK, 2014, p. 174).

3.2 Humanos contra Terranos

Como o Antropoceno pôs fim à ilusão de uma raça humana unificada (LATOURE, 2013a), é necessário definir as partes combatentes da guerra dos mundos. No entanto, esta parece ser uma tarefa difícil. Latour apela aos rótulos em uma tentativa de simplificar a complexidade do problema, enquanto explica que “[...] existem muitos assuntos preocupantes, muitos problemas 'nos' dividindo – um 'nós', para começar, cuja fronteira não é especificada.” (LATOURE, 2013a, p. 117). Os combatentes serão analisados a seguir.

Um dos grupos é formado pelo que Latour chama de *Humanos*⁵, que são os antigos modernos (LATOURE, 2011; 2013a; 2013c). Iniciado no século XVIII, o movimento moderno foi uma tentativa intelectual de desenvolver Ciência objetiva, moralidade e leis universais. Os modernos focaram na dominação da natureza através da Ciência, enquanto louvavam a razão e a análise (HARVEY apud COSTA, 2014, p. 20). Eles visavam civilizar o mundo de acordo com sua própria perspectiva. Além disso, os Humanos são as pessoas que abandonaram o passado em que a natureza e a sociedade eram misturadas. Portanto, estabeleceram uma divisão ontológica entre humanos e não-humanos (COSTA, 2014; LATOURE, 2013a).

Os Humanos confiam na Ciência a responsabilidade de diferenciar fatos de valores. Para esse grupo, as coisas são sociais ou naturais; misturá-los é irracional (COSTA, 2014). Eles tendem a negar a crise ecológica antropogênica ou oferecer sugestões insuficientes para lidar com ela. São as pessoas do “*business as usual*” que não estão dispostas a subverter o sistema político e econômico (LATOURE, 2013b, p. 59).

⁵ Latour escreve *Humanos* com a inicial maiúscula de propósito, para diferenciá-los dos *humanos* (a espécie como um todo).

Latour também chama esse grupo de “Povo da Natureza”. Natureza⁶ não no sentido de domínio ou território, mas “[...] uma maneira de organizar a divisão [...] entre as aparências e a realidade, a subjetividade e a objetividade, a história e a imutabilidade.” (LATOURE apud COSTA, 2014, p. 19). Por isso, acreditam que a Natureza – por meio de aspectos como categorização e racionalidade – trará as soluções para nossos problemas. Alguns dos representantes dos Humanos seriam os céticos do clima; empresas de organismos geneticamente modificados (OGM) como a Monsanto; e indústrias de combustíveis fósseis, responsáveis por liberar grandes quantidades de CO₂ na atmosfera (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014).

Embora não seja tão difícil identificar os Humanos, seus oponentes ainda não foram definidos. Ainda assim, esses novos soldados são apresentados pelo nome de *Terranos*⁷ (LATOURE, 2011; 2013a; 2013c). No original em inglês, o filósofo joga sabiamente com os múltiplos significados da palavra, indicando a Terra tanto como destino quanto como limite:

Escolhi *Earthbound* – “bound” como se estivesse ligado por um feitiço, assim como 'bound' no sentido de se dirigir para algum lugar, designando assim a tentativa conjunta de alcançar a Terra sem ser capaz de escapar dela, um testemunho comovente da imobilidade frenética daqueles que vivem em Gaia. (LATOURE, 2013a, p. 117).

Assim, LATOURE (2013a, p. 124-125) tenta formular uma “demogênese”, ou seja, um coletivo artificialmente criado. Opondo-se ao Povo da Natureza, eles são o “Povo de Gaia”.

O conceito de Gaia foi emprestado do químico James Lovelock, que formulou a “Hipótese de Gaia” nos anos 1970, defendendo a ideia de que todo o planeta (a vida, os oceanos, o ar e as rochas) é uma entidade auto-reguladora. Gaia é vista como um organismo vivo, capaz de reagir a estímulos (LOVELOCK, 2000). Com base nisso, Latour entende que a Terra (*geo*) também desempenha um papel no conflito, pois não é indiferente às nossas ações. Portanto, quando ele fala sobre uma nova *geopolítica*, ele quer dizer que Gaia também está em guerra (LATOURE, 2013a; 2013b; 2013c).

Os Terranos reconhecem que existe uma relação complexa entre organismos vivos e elementos inorgânicos. Eles querem se libertar da Natureza moderna e se organizar em torno de Gaia. Isso significa que, influenciado por Gaia, esse novo grupo estabelecerá novas estruturas para a ciência, a política e a teologia (LATOURE, 2013a). Além disso, eles estão

⁶ Assim como os Humanos, Latour escreve *Natureza* com a inicial maiúscula de propósito, para diferenciá-la de natureza (o mundo natural que existe independentemente dos seres humanos).

⁷ A sugestão de tradução do termo *Earthbound* foi dada pela Professora Déborah Danowski.

cientistas da pluralidade de representações, subjetividades e valores humanos (COSTA, 2014). O Povo de Gaia está disposto a expandir seu círculo político para acomodar diferentes agentes, que serão capazes de lidar com essas novas estruturas. Eles não dependerão de governos e outras instituições para fazer as mudanças de que precisam (COSTA, 2014; LATOUR, 2013a).

Latour (2013a, p. 119) argumenta que os Terranos pertencem a um território que "[...] não é feito de estados-nação [...] mas de redes interligadas, conflitantes, emaranhadas, contraditórias que nenhuma harmonia, sistema, 'terceiros' ou Providência global pode unificar antecipadamente.". Ele diz que alguns de nós estamos nos preparando para viver como Terranos no Antropoceno, enquanto outros insistem em permanecer no Holoceno⁸ como Humanos (LATOUR, 2013b). Alguns cientistas são vistos por ele como potenciais Terranos, por seu engajamento na política e porque “ousam dizer que estão amedrontados” (LATOUR, 2013a, p. 120). Povos indígenas e seus mitos, populações tradicionais, movimentos comunitários e de resistência também são potenciais Terranos (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014).

3.3 A batalha de valores segundo Naomi Klein

O discurso de guerra à luz das mudanças climáticas também é usado pela escritora canadense Naomi Klein (2015), que vem realizando pesquisas sobre o assunto há alguns anos. Ela argumenta que precisamos de novos valores, pois a ideologia predominante atual não é consistente com uma vida sustentável na Terra. Portanto, ela diz, não podemos nos esquivar do fato de que precisamos de uma batalha de ideias e uma batalha de valores para fazer as mudanças acontecerem.

Em seu livro “This Changes Everything – Capitalism vs. The Climate”, Klein dedica um capítulo inteiro para apresentar Blockadia, entendida por ela como os novos guerreiros climáticos (KLEIN, 2014, p. 294-295). Trata-se de uma zona de conflito transnacional que resiste a iniciativas de negócios que prejudicam o meio ambiente, como o fraturamento hidráulico (*fracking*), oleodutos de areias betuminosas e outros projetos de extração.

Klein chama a atenção para o fato de que a comunidade de Blockadia desistiu do ativismo costumeiro e está “sujando as mãos de terra novamente”⁹ (KLEIN, 2014, p. 296). Como um ativista de Blockadia afirma:

⁸ Oficialmente o período geológico atual.

⁹ “[Blockadia’s people] are getting lower-case earth under their nails once again”.

As pessoas estão sedentas por ações em favor do clima que façam mais do que pedirlas para enviarem e-mails para parlamentares negacionistas ou atualizarem seus status no Facebook com alguma mensagem inteligente sobre combustíveis fósseis. Agora, um novo movimento antissistema rompeu com as elites enraizadas de Washington e motivou uma nova geração a ficar na frente das escavadeiras e dos caminhões que transportam carvão. (PARKIN apud KLEIN 2014, p. 296).

Ao que parece, os guerreiros de Blockadia também são potenciais Terranos.

4. Mudanças climáticas e o Jornalismo de engajamento

Se aceitarmos a sugestão de Bruno Latour de que nos encontramos atualmente em estado de guerra por conta da crise ecológica, seria o caso de considerarmos o Jornalismo de engajamento de Martin Bell uma prática adequada para noticiar as mudanças climáticas?

A pesquisa acadêmica sobre notícias ambientais é vasta, e neutralidade e equilíbrio são geralmente os temas de interesse de pesquisadores (ANTILLA, 2010; HILES; HINNANT, 2014; HOWARTH, 2012; McKNIGHT, 2010). Nesta seção, examinarei esses tópicos ao discutir a abordagem mais adequada para profissionais de mídia produzirem suas histórias sobre as mudanças climáticas.

4.1 Objetividade nas notícias sobre mudanças climáticas¹⁰

Noticiar sobre o meio ambiente exige dos jornalistas conhecimento sobre o assunto e, por isso, eles muitas vezes se sentem inclinados a conscientizar o público sobre tais questões. Entretanto, se os profissionais se tornarem muito subjetivos, sua reputação em relação ao Jornalismo independente pode ser questionada (DAS, 2013).

John Palen, um dos fundadores da Sociedade Americana de Jornalistas Ambientais (SEJ), narra o debate sobre objetividade que ocorreu logo após a organização ser criada, em 1989 (PALEN, 1999, p. 158). Os membros da SEJ passaram muito tempo discutindo até que ponto jornalistas engajados teriam seu trabalho afetado por causa de sua ideologia, e se seria correto jornalistas se comportarem como ativistas para alertarem sobre a ameaça de destruição ambiental. Por fim, a SEJ removeu o termo "objetividade" de seu código de ética. A organização não queria controlar as convicções pessoais de seus membros em suas histórias (DAS, 2013; PALEN, 1999).

¹⁰ Nesta seção, alguns acadêmicos e jornalistas usam o termo "objetividade", enquanto outros preferem "neutralidade". Embora eu esteja ciente das discussões envolvendo diferentes significados para tais conceitos, considero-os sinônimos neste artigo.

Em uma entrevista de 2005, a diretora executiva da SEJ, Beth Parker, argumentou em favor da neutralidade e disse que as pessoas frequentemente confundem repórteres ambientais com repórteres "ambientalistas" (HALL, 2005). No entanto, ela apontou que:

Se você é um repórter de crime, todo mundo irá concordar que assassinato é ruim. Mas se você noticiar "X partes por bilhão" de [um contaminante químico], isso é bom ou ruim? Quão limpo é o limpo? Esses tipos de argumentos podem se tornar políticos. Mas se você está fazendo uma reportagem, você deve fornecer um contexto do que isso significa. Você não pode simplesmente recorrer ao "ele disse, ela disse" quando o público merece uma análise do tipo "o que isso significa". (HALL, 2005).

Parece que os jornalistas precisam caminhar sobre uma linha tênue entre o que Parker chama de "análise" e o que Martin Bell chama de "tomar partido". Como garantir que repórteres pratiquem um Jornalismo confiável? John Vidal (2015), quando ainda era editor de meio ambiente do jornal britânico *The Guardian*, afirmou que:

Para mim, o Jornalismo deve combinar a paixão por expressar a urgência e a seriedade da situação em que nos encontramos com a objetividade e veracidade que as pessoas precisam para serem convencidas a agir.

Michael McCarthy (2015), ex-editor e atualmente colunista de meio ambiente do *Independent*, escreve sobre mudanças climáticas desde 1989. Ele reflete:

[Durante todo esse tempo] eu não fui neutro, na medida em que estava convencido – assim como todos os Governos do mundo, que coletivamente endossaram o 4º e 5º Relatórios do IPCC – que o aumento da quantidade de gases de efeito estufa na atmosfera levaria a um aumento nas temperaturas atmosféricas, com resultados potencialmente catastróficos. Um cético climático poderia me chamar de "warmist"¹¹ – mas, no meu entendimento, eu estava simplesmente aceitando o esmagador consenso científico. Se isso é Jornalismo de engajamento, eu o tenho praticado.

McCarthy, no entanto, discorda de jornalistas que supervalorizam a causa, porque isso faz com que eles, muitas vezes, contem pequenas mentiras para servir a uma "verdade maior".

Ele continua:

Ao longo de minha carreira, várias vezes vi jornalistas ambientais dizendo coisas que não eram verdadeiras, e até vi, três vezes, membros de ONGs ambientais dizerem coisas que eu sabia (e eles sabiam) que não eram verdadeiras, porque sentiam que isso servia à causa maior de salvar o meio ambiente. Se isso é jornalismo de engajamento, eu o rejeito completamente. A verdade é sacrossanta e deve prevalecer, não importa o quão embaraçoso isso possa ser. (McCARTHY, 2015).

¹¹ Os céticos do clima chamam de "warmists" pessoas que aceitam a proposição de que as mudanças climáticas causadas por atividades humanas estão ocorrendo.

É possível ser parcial e dizer a verdade ao mesmo tempo? Conforme já mencionado, Bell acredita que sim. O Jornalismo de engajamento é sobre dizer a verdade e defende equidade e precisão (BELL, 1998b). Curiosamente, Bell argumenta que muitas vezes o politicamente correto mascara a verdade e provoca reportagens ruins. Condenando a omissão dos fatos, ele narra um episódio de sua cobertura sobre a reunificação alemã em 1989. Bell havia filmado um grupo neofascista vociferando contra comerciantes romenos, mas a BBC cortou este trecho quando publicou a história. “Quando começamos a excluir *palavras*, com base no suposto politicamente correto, criamos um problema maior do que deveria existir.”, ele diz (BELL, 1996, p. 223-225).

Jonathan Leake, editor de ciência e meio ambiente do *Sunday Times*, rejeita a ideia de Jornalismo de engajamento (LEAKE, 2015). Para ele, é uma contradição em termos e permite que jornalistas se tornem propagandistas. Ele compara esse tipo de jornalista aos céticos do clima, alegando que ambos são movidos por suas próprias emoções e crenças políticas, e adverte que tal posicionamento pode destruir carreiras. Leake também argumenta que os jornalistas que estão muito comprometidos com a causa das mudanças climáticas podem falhar ao confiarem demais nos cientistas do clima.

Curiosamente, Leake pega como exemplo um jornalista cético do clima ao defender seu ponto de vista contra o Jornalismo de engajamento. O jornalista em questão é David Rose, do *Mail on Sunday*,

[...] que fez campanha contra a ideia de que as mudanças climáticas seriam um grande problema, mas cujos artigos tendem a se basear em evidências científicas fráquíssimas¹². Minha opinião é que ele causou danos enormes à sua própria credibilidade e carreira. (LEAKE, 2015).

Por fim, o jornalista ambiental Bud Ward afirma não existir objetividade, pois a simples decisão de cobrir ou ignorar um determinado tópico já é uma escolha subjetiva. Ele argumenta que o distanciamento pessoal pode funcionar para jornalistas em alguns casos – ao escreverem notícias de negócios, por exemplo. No entanto, ele questiona: “[...] será que eles também deveriam mostrar imparcialidade, absoluta indiferença, entre os opostos ar e água limpos versus ar e água poluídos? Não seria pedir demais mesmo para o jornalista mais neutro?” (WARD, 2008, p. 14).

¹² De fato, David Rose publicou vários artigos refutando o aquecimento global antropogênico. Alguns exemplos são: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2415191/And-global-COOLING-Return-Arctic-ice-cap-grows-29-year.html>> (2013a); <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2294560/The-great-green-1-The-hard-proof-finally-shows-global-warming-forecasts-costing-billions-WRONG-along.html>> (2013b). Sua cobertura sobre clima tem sido criticada por cientistas e ambientalistas. Em 2010, o colunista do *Guardian* George Monbiot, apoiado por cientistas do clima, escreveu um artigo corrigindo vários erros cometidos por Rose em uma de suas histórias: <<http://www.theguardian.com/environment/georgemonbiot/2010/dec/08/david-rose-climate-science>>.

4.2 “Falso equilíbrio”

Em um relatório parlamentar do Reino Unido sobre como a mídia comunica a Ciência do clima, equipes da BBC foram criticadas por darem o mesmo peso a cientistas do clima e lobistas em suas coberturas (ROBIN, 2014; VIDAL, 2014). Em fevereiro de 2014, o professor Brian Hoskins, um climatologista, foi ao programa *Radio 4 Today* para falar sobre mudanças climáticas, e Nigel Lawson, um cético do clima, foi convidado a debater com ele.

Não se condenou a BBC por dar voz a dois lados opostos, mas por não deixar claro o papel de seus entrevistados. O relatório acusou um “falso equilíbrio” porque Lawson não possui qualificações científicas; portanto, ele não foi capaz de ter uma discussão adequada com um climatologista renomado. O documento britânico apontou que tal erro gera coberturas imprecisas e enganosas, o que prejudica o interesse público. Os críticos argumentaram que o debate deveria focar nas respostas políticas às mudanças climáticas, não em fatos científicos versus opiniões (ROBIN, 2014; VIDAL, 2014).

Quando se trata de cobertura sobre as mudanças climáticas parece que os editores da BBC têm experimentado dificuldades para seguir as regras da emissora. Conforme mencionado na Seção 2, as diretrizes da BBC recomendam que “[...] opiniões devem ser claramente diferenciadas de fatos.” (BBC, 2015, Seção 4). Curiosamente, na seção sobre proporções iguais a vozes dissonantes, o guia é flexível e sugere que “[...] as visões minoritárias não devem necessariamente ter o mesmo peso que o consenso prevalente.” (BBC, 2015, Seção 4).

A questão do “falso equilíbrio” na cobertura das mudanças climáticas foi investigada por Maxwell Boykoff (BOYKOFF, 2008a; 2008b; 2011; BOYKOFF; BOYKOFF, 2004; BOYKOFF; MANSFIELD, 2008). Analisando o período entre 1995 e 2004, ele sugere que, ao seguir a norma da “cobertura equilibrada”, a televisão estadunidense desempenhou um papel tendencioso (BOYKOFF, 2008b). Em muitos casos, os jornalistas divergiram do consenso científico de que as atividades humanas estão causando o aquecimento global, geralmente porque os lobistas da indústria de combustíveis fósseis se aproveitam da fidelidade das redações à imparcialidade para influenciar sua cobertura jornalística (BOYKOFF; BOYKOFF, 2004; MCKNIGHT, 2010).

A pressão dos lobistas da indústria de combustíveis fósseis não é a única razão para a cobertura ruim sobre mudanças climáticas. Eu argumento que a falta de conhecimento é um problema recorrente para os jornalistas que cobrem o tema. Por não conseguirem

compreender questões científicas complexas, eles não são capazes de atender adequadamente a seus públicos. As incertezas¹³ associadas ao assunto adicionam uma camada de insegurança ao trabalho desses profissionais.

4.3 Terranos na mídia?

Há potenciais *Terranos* trabalhando nas redações atualmente? A seguir, apresentarei brevemente dois casos que podem estar alinhados ao novo exército de Latour.

Em março de 2015, o *Guardian*, um dos maiores veículos de comunicação do Reino Unido, lançou uma campanha mundial chamada *Keep it on the ground*. O jornal pediu à Fundação Gates e ao Wellcome Trust, os dois maiores fundos de caridade do mundo, que parassem de investir¹⁴ nas 200 principais empresas de combustíveis fósseis dentro de cinco anos. Alan Rusbridger, editor-chefe do *Guardian* e coordenador da campanha, afirma que,

O argumento de uma campanha em favor do desinvestimento nas empresas mais poluidoras do mundo está se tornando esmagador, tanto em termos morais quanto financeiros [...]. A regra usual das campanhas nos jornais é que você não comece uma, a menos que saiba que vai ganhá-la. Esta quase certamente será vencida a tempo: a física é indiscutível.

Embora o *Guardian* não afirme praticar o Jornalismo de engajamento através desta campanha, eu defendo que esta convocação de seus leitores à ação é uma demonstração clara de "tomar partido". O discurso de Rusbridger baseado em fundamentos morais parece apoiar meu argumento.

O segundo exemplo de potenciais *Terranos* nas redações é o Jornalismo de engajamento explicitamente praticado pela *Ecologist*¹⁵. Martin Bell argumenta que profissionais que praticam esse tipo de Jornalismo devem estar preparados para irritar as pessoas (BELL, 1998b) e é exatamente isso que a *Ecologist* faz. Em uma palestra em 2004, o ex-editor da revista Paul Kingsnorth disse que ele era a favor do Jornalismo panfletário (*campaigning journalism*), argumentando que nenhum relato é realmente separado de seu sujeito. O que

¹³ "Incerteza" aqui não significa a estratégia de discurso usada por negacionistas do clima para frear ações no combate às mudanças climáticas (BOYKOFF; BOYKOFF 2004). O que quero dizer é que, embora haja consenso científico sobre o aquecimento global antropogênico, os resultados catastróficos de tal fenômeno não são totalmente claros. É por isso que muitos preferem dizer "riscos baseados na Ciência".

¹⁴ O desinvestimento em combustíveis fósseis é a remoção de ações, títulos ou fundos de empresas de petróleo, carvão e gás. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/environment/ng-interactive/2015/mar/16/keep-it-in-the-ground-guardian-climate-change-campaign>>. Acesso em: jul. 2018.

¹⁵ A *Ecologist* foi publicada entre 1970 e 2009. A partir de 2009, a revista britânica continuou como uma revista online. Disponível em: <<http://www.theecologist.org/>>. Acesso em: jul. 2018.

diferencia a *Ecologist* da maioria dos veículos de mídia, ele explicou, é o fato de que a revista ambiental[ista] é mais honesta sobre aquilo que defende (KINGSNORTH, 1999).

Curiosamente, Kingsnorth (1999) também usa o ponto de vista de “batalha” quando menciona a campanha que a *Ecologist* fez contra a Monsanto¹⁶: “Trata-se de uma guerra que não poderia ter sido travada sem os jornalistas de todo o mundo fornecendo munição [...]. Esta é uma guerra de informação que nenhum de nós pode se dar ao luxo de perder.”.

5. Conclusão

Neste artigo, analisei o fenômeno do Jornalismo de engajamento à luz da cobertura jornalística sobre as mudanças climáticas, utilizando a sugestão de Latour de guerra dos mundos. Conforme demonstrado neste estudo, a cobertura das pautas ambientais desafia as práticas tradicionais de Jornalismo. Minha investigação sugere que a fidelidade ao entendimento convencional de equilíbrio e neutralidade parece ser incompatível com a estrutura ecológica atual.

Devido ao senso de urgência que as mudanças climáticas impõem à sociedade e o debate altamente polarizado envolvendo conflito de interesses, a noção de reportagem neutra está sendo mais questionada – especialmente quando há imperativos morais envolvidos. Portanto, abordagens mais adequadas ao cenário sócio-político do Antropoceno são necessárias. Nesse contexto, embora apresente várias limitações, praticar o Jornalismo de engajamento pode ser útil para identificar as histórias com fatos reais, baseados em evidências científicas.

No entanto, parece que as redações ainda não estão devidamente equipadas. Independentemente de os profissionais de mídia escolherem atuar como jornalistas engajados, eles precisam estar mais bem preparados para lidar com a complexidade das histórias abarcadas pelo Jornalismo Ambiental. As redações devem, portanto, produzir diretrizes editoriais qualificadas de modo a garantir uma cobertura adequada das notícias sobre mudanças climáticas, e os jornalistas devem possuir as habilidades e a experiência exigidas para essa função.

¹⁶ No início dos anos 2000, a *Ecologist* juntou-se a uma campanha para abolir organismos geneticamente modificados na Europa. Segundo Kingsnorth (1999), a Monsanto e outras empresas de biotecnologia foram obrigadas a retirar tais organismos.

A cobertura jornalística sobre mudanças climáticas posiciona-se entre a "guerra de palavras"¹⁷ de Martin Bell e a "guerra de mundos" de Bruno Latour. Nestas zonas de guerra, enquanto praticantes do "falso equilíbrio", negacionistas do clima e indústrias de combustíveis fósseis parecem se alinhar aos Humanos, jornalistas engajados, cientistas do clima e movimentos de resistência parecem atuar como soldados Terranos.

Bell argumenta em favor do Jornalismo de engajamento com o intuito de "forçar alguém a fazer algo para acabar com o conflito". Ele "espia pela paz"¹⁸. Da mesma forma, Latour sugere que o Povo de Gaia pode ser o "artesão da paz" (Latour 2013a, p. 118)¹⁹. Afinal, os jornalistas ambientais devem fazer parte do exército dos Terranos e lutar pela construção de novos paradigmas à luz da crise ecológica? Eles terão que decidir.

A guerra dos mundos de Latour com foco na crise ecológica é um projeto recente e em andamento. Portanto, um acompanhamento de seu trabalho, combinado com uma análise mais aprofundada sobre o papel da mídia à luz dos conceitos do filósofo francês, pode oferecer *insights* interessantes tanto para a Academia quanto para as redações.

Referências

ANTILLA, Lisa. Self-censorship and science: a geographical review of media coverage of climate tipping points. **Public Understanding of Science**, v. 19(2), p. 240–256, 2010.

BBC. Uncertain climate. **BBC Radio 4**, 2010. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/programmes/b00tj525>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

BBC. **Editorial Guidelines**, 2015. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/editorialguidelines/guidelines/>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

BECK, Ulrich. How climate change might save the world. **Development and Society**, v. 43(2), p. 169-183, 2014.

BELL, Martin. **In Harm's Way. Reflections of a War-Zone Thug**. Inglaterra: Penguin Books, 1996.

¹⁷ "The War of Words" é como Martin Bell nomeia o segundo capítulo de seu livro *Through Gates of Fire. A Journey into World Disorder* (BELL, 2003).

¹⁸ "...quando minha errância na zona de guerra acabar e se eu tiver netos, eis como gostaria que a conversa acontecesse. 'Avô', eles perguntarão com os olhos brilhando, 'você já foi um espião?' 'Por que sim', responderei, 'na verdade eu fui. Apenas uma vez, espiei pela paz.'" (BELL, 1996).

¹⁹ Latour mais uma vez recorre ao escritor alemão Carl Schmitt, que usou essa expressão em seu livro *The Nomos of the Earth* (1950): "Procuramos entender a ordem normativa da terra. Essa é a tarefa perigosa deste livro e a fervorosa esperança de nosso trabalho. A terra foi prometida aos *artesãos da paz*. A ideia de um novo *nomos* da terra pertence apenas a eles." (SCHMITT apud LATOUR, 2013a, p. 118).

BELL, Martin. The Journalism of Attachment. In: KIERNAN, Matthew. (Org.). **Media Ethics**. Nova Iorque: Routledge, 1998a.

BELL, Martin. The Truth is Our Currency. **The Harvard International Journal of Press/Politics**, v. 3(1), p. 102-109, 1998b.

BELL, Martin. **Through Gates of Fire. A Journey into World Disorder**, Londres: Weidenfeld & Nicolson, London, 2003.

BOYCE, Tammy e LEWIS, Justin. (Orgs.). **Climate change and the media**. Nova Iorque; Oxford: Peter Lang, 2009.

BOYKOFF, Maxwell T. The cultural politics of climate change discourse in UK tabloids. **Political geography**, v. 27(5), p. 549-569, 2008a.

BOYKOFF, Maxwell T. Lost in translation? United States Television news media coverage of anthropogenic climate change, 1995–2004. **Climatic Change**, v. 86, p. 1–11, 2008b.

BOYKOFF, Maxwell T. **Who Speaks for the Climate? Making Sense of Media Reporting on Climate Change**. Cambridge University Press, 2011.

BOYKOFF, Maxwell T. e BOYKOFF, Jules M. Balance as bias: Global warming and the US prestige press. **Global Environmental Change**, v. 14(2), p. 125–36, 2004.

BOYKOFF, Maxwell T. e MANSFIELD, Maria. ‘Ye Olde Hot Aire’: reporting on human contributions to climate change in the UK tabloid press. **Environmental Research Letters**, v. 3(2), p. 1-8, 2008.

COSTA, Alyne de C. e DANOWSKI, Déborah (Orientadora). **Guerra e Paz no Antropoceno: Uma análise da crise ecológica segundo a obra de Bruno Latour**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, Rio de Janeiro, 2014.

CROUSE, Timothy. **Boys on the Bus**. Nova Iorque: Ballantine Books, 1974.

DAHLGREN, Peter. Introduction. In: DAHLGREN, P. e SPARKS, C. (Org.) **Journalism and Popular Culture**. Londres: Sage, 1992.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Florianópolis: Instituto Socioambiental, 2013.

DAS, Jahnnabi. Environmental journalism in Bangladesh. In: BØDKER, Hendrik e NEVERLA, Irene. (Orgs.) **Environmental Journalism**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2013.

DOYLE, Julie. **Mediating Climate Change**. Farnham: Ashgate, 2011.

ECOLOGIST, The. **Website**, 2015. Disponível em: <<http://www.theecologist.org/>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

- GUARDIAN, The. **Keep it in the ground campaign**, 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/environment/ng-interactive/2015/mar/16/keep-it-in-the-ground-guardian-climate-change-campaign>>. Acesso em: 25 jul. 2018.
- HALL, Lee. Q&A: Environmental Journalism's Future. Entrevista com Beth Parker. **Television Week**, Set. 2005.
- HILES, Sara S. e HINNANT, Amanda. Climate Change in the Newsroom: Journalists' Evolving Standards of Objectivity When Covering Global Warming. **Science Communication**, v. 36(4), p. 428–453, 2014.
- HOWARTH, Anita. Participatory politics, environmental journalism and newspaper campaigns. **Journalism Studies**, v. 13(2), p. 210-225, 2012.
- HUME, Mick. **Whose War is it Anyway? The Dangers of the Journalism of Attachment**. Londres: BM InformInc, 1997.
- IPCC. **Climate Change 2007: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Fourth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change** [Core Writing Team, Pachauri, R.K e Reisinger, A. (Orgs.)]. IPCC, Geneva, Suíça, 104 p., 2007. Disponível em: <http://www.ipcc.ch/publications_and_data/ar4/syr/en/contents.html>. Acesso em: 25 jul. 2018.
- IPCC. **Climate Change 2014: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change** [Core Writing Team, R.K. Pachauri e L.A. Meyer (orgs.)]. IPCC, Geneva, Suíça, 151 p., 2014. Disponível em: <http://www.ipcc.ch/pdf/assessment-report/ar5/syr/AR5_SYR_FINAL_SPM.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2018.
- KLEIN, Naomi. **This Changes Everything. Capitalism vs. the Climate**. Londres: Penguin Books, 2014.
- KLEIN, Naomi. **Notas pessoais e gravação de áudio da palestra This Changes Everything – Conference on the Climate Crisis**. Friends Meeting House, Londres, 28 mar. 2015.
- KINGSNORTH, Paul. **The Journalism of Attachment**, 1999. Disponível em: <<http://www.paulkingsnorth.net/journalism/the-journalism-of-attachment/>>. Acesso em: 25 jul. 2018.
- LATOUR, Bruno. **War of the Worlds: What about Peace?** Chicago: Prickly Paradigm Press, 2002.
- LATOUR, Bruno. Politics of nature: East and West perspectives. **Ethics & Global Politics**, v. 4(1), p. 71-80, 2011.
- LATOUR, Bruno. Facing Gaia: Six lectures on the political theology of nature. **Being the Gifford Lectures on Natural Religion**, 2013a. Edinburgo 18-23 fev. 2013. Disponível em:

<<http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/GIFFORD-ASSEMBLED.pdf>>.
Acesso em: 25 jul. 2018.

LATOURE, Bruno. War and Peace in an age of ecological conflicts. **Lecture prepared for the Peter Wall Institute**, 2013b. Vancouver, 23 set. 2013.

LATOURE, Bruno. Telling friends from foes in the time of the Anthropocene. **Lecture prepared for “Thinking the Anthropocene”**, 2013c. Paris, 14-15 nov. 2013.

LATOURE, Bruno. Agency at the Time of the Anthropocene. **New Literary History**, The Johns Hopkins University Press, v. 45(1), p. 1-18, 2014.

LEAKE, Jonathan. **Comunicação pessoal** [Entrevista por e-mail realizada em 29 abr. 2015]. Londres, 2015.

LOVELOCK, James. **Gaia: A New Look at Life on Earth**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MCCARTHY, Michael. **Comunicação pessoal** [Entrevista por e-mail realizada em 30 abr. 2015]. Londres, 2015.

McLAUGHLIN, Greg. **The War Correspondent.**, Londres: Pluto Press, Virginia: Sterling, 2002.

McKNIGHT, David. A change in the climate? The journalism of opinion at News Corporation. **Journalism**, v. 11(6), p. 693-706, 2010.

MONBIOT, George. David Rose's climate science writing shows he has not learned from previous mistakes. **The Guardian**, 2010. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/environment/georgemonbiot/2010/dec/08/david-rose-climate-science>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

O'NEILL, Brendan. Dangers of the “journalism of attachment”. **ABC**, 2012. Disponível em: <<http://www.abc.net.au/news/2012-02-24/oneill-dangers-of-the-journalism-of-attachment/3850566>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

PALEN, John A. Objectivity as Independence: creating the Society of Environmental Journalists, 1989-1997. **Science Communication**, v. 21(2), p. 156-71, 1999.

RANDOM HOUSE KERNERMAN WEBSTER'S COLLEGE DICTIONARY. **State of war, 2015**. Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/state+of+war>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

ROBIN, Nicholas. MPs False Balance in Climate Reporting Reveals BBC's Sensitivity to Political Pressure. In: **LSE Media Policy Project blog**, London School of Economics, 2014. Disponível em: <<http://blogs.lse.ac.uk/mediapolicyproject/2014/04/02/false-balance-in-climate-reporting-reveals-bbcs-sensitivity-to-political-pressure/>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

ROSE, David. The Great Green Con no. 1: The hard proof that finally shows global warming forecasts that are costing you billions were WRONG all along. **Daily Mail**, 2013a. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2294560/The-great-green-1-The-hard-proof-finally-shows-global-warming-forecasts-costing-billions-WRONG-along.html>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

ROSE, David. And now it's global COOLING! Return of Arctic ice cap as it grows by 29% in a year. **Daily Mail**, 2013b. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-2415191/And-global-COOLING-Return-Arctic-ice-cap-grows-29-year.html>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

RUIGROK, Nel. Journalism of attachment and objectivity: Dutch journalists and the Bosnian War. **Media, War & Conflict**, SAGE, v. 1(3), 2008. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1750635208097048>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

SCHUDSON, Michael. **Discovering the News**. Nova Iorque: Basic Books, 1978.

SEJ, Society of Environmental Journalists. **Website**, 2015. Disponível em: <<http://www.sej.org/about-sej/board-and-staff>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

SJØVAAG, Helle. **Attached or Detached?** Subjective Methods in War Journalism. Dissertação (Mestrado). University of Bergen, Noruega, 2005.

VIDAL, John. MPs criticise BBC for 'false balance' in climate change coverage. **The Guardian**, 2014. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/environment/2014/apr/02/mps-criticise-bbc-false-balance-climate-change-coverage>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

VIDAL, John. **Comunicação pessoal** [Entrevista por e-mail realizada em 28 abr. 2015]. Londres, 2015.

WARD, Bud. A higher standard than 'balance' in journalism on climate change science. An editorial comment. **Climatic Change**, v. 86, p. 13–17, 2008.

WARD, Stephen J. An Answer to Martin Bell: Objectivity and Attachment in Journalism. **The Harvard International Journal of Press/Politics** June, v. 3, p. 121-125, 1998.